

O HOMEM E A "ZOOLOGIA ARTIFICIAL"

Evaristo de Moraes Filho

Por ocasião da assinatura de convênio entre o Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Brasil, o Grupo Executivo para Aplicação de Computadores Eletrônicos e a Escola Nacional de Ciências Estatísticas, destinado a cuidar da formação de técnicos especializados na manutenção de computadores eletrônicos, o Prof. Evaristo de Moraes Filho, Presidente do ICS, pronunciou o seguinte discurso, em saudação ao Ministro Clóvis Salgado:

Neste momento, realiza o Instituto de Ciências Sociais, da Universidade do Brasil, uma de suas atribuições mais altas: a de colaborar com entidades governamentais no estudo e solução de seus problemas administrativos. Voltado para a realidade do seu tempo, faz dela um teste para os seus conhecimentos, respondendo aos desafios da própria vida, da convivência humana. Atento à função primordial da Universidade, que é a de formar espíritos bem feitos, com idéias claras e nítidas, sempre abertos ao sentido das coisas novas — embora sem desprezar as antigas, sente-se feliz o Instituto de poder contribuir para a preparação de jovens, graduados, que irão enfrentar, na expressão de Paul Valéry — *aquilo que nunca foi (ce qui n'a jamais été)*.

Ainda em 1930, em seu ensaio *Misión de la Universidad*, afirmava Ortega y Gasset que a cultura significa um sistema de idéias claras e firmes a respeito do universo, de convicções positivas sobre o que são as coisas e o mundo. Em seu verdadeiro sentido, opõe-se a um simples adorno. E conclui: «O atributo mais essencial da existência é a sua imediação: a vida é sempre urgente. Vive-se aqui e agora, sem delonga nem remissão possíveis. A vida nos é jogada à queima-roupa. Também a cultura, que é sua interpretação, não pode igualmente esperar».

É esta, exatamente, a função da Universidade na vida dos povos. Agência de cultura humana, aí se refugia a razão em suas manifestações mais elevadas da ciência, da filosofia e das artes em geral. Abstrai o que há-de permanente e de constante no fluxo das coisas, inter-relaciona os conhecimentos numa tensão máxima de consciência racional, para melhor poder servir aos problemas concretos que se criam entre os homens. O que escapa ao mero empirismo das panacéias apressadas, antes buscando uma explicação universal e duradoura, prende-se diretamente a este renascimento espiritual da Universidade, livre de preconceitos, de dogmatismos e de dúvidas insuperáveis. Fora da universidade não há salvação possível para a vida da razão, aturdida em meio o caos e à confusão que são os companheiros constantes do homem contemporâneo. Os problemas acumulam-se antes que a frágil criatura humana lhes possa dar solução, ameaçando-a de naufrágio por todos os lados.

Abrir caminho nesse caos é tornar o mundo cada vez mais penetrável à razão humana, fazendo recuar o irracionalismo e a imprevisão. Equacionar os dados do problema equacioná-los bem, e só nisso vai metade da solução, é tarefa do intelecto. Mas, dada a complexidade desses dados, num sem-número de variáveis, de séries funcionais ora autônomas, ora inter-relacionadas, era impossível a um homem só ou a um grupo de homens encontrar-lhes as constantes através de resultados positivos. A criatura então criou outras criaturas, sem alma, sem vida independente, mas autênticos *corpos organizados*, que seriam uma extensão do seu próprio organismo e lhe permitiriam efetuar operações, em tal número e tão rapidamente, como não seria dado fazê-lo nenhum cérebro humano.

Aumentou-se fabulosamente a margem de racionalidade na vida, afastando-se os erros de cálculo, enriquecendo-se com isso o conhecimento da realidade e assim o poder do próprio homem. Mas é sempre o homem quem está por trás dessa «zoologia artificial». Esses corpos organizados não chegam a se constituir em *sêres* autônomos e criadores, por mais complicados e sutis que sejam. São servos do homem, que os comanda e os alimenta. E deste comando e deste alimento dependem os resultados que lhe serão dados de volta. Por isso mesmo, não diminui a responsabilidade do homem que os criou; pelo contrário, cresce.

Verdadeira ciência-encruzilhada, reagrupa a cibernética os elementos separados na pesquisa tradicional; não possui opinião própria. Mas permite aproximar dados e conhecimentos que viviam dissociados até agora. Os problemas psicológicos, econômicos, políticos e sociais passam a fazer parte de um todo funcional, inextricável. Recebe sugestões e indagações de várias origens, podendo cada qual utilizar-se dela em seu domínio segundo métodos específicos. Quantificar os dados qualitativos das ciências sociais ou colocá-los em confrontos analógicos, tal é a tarefa mais árdua dos cientistas sociais no mundo de hoje. Se nem tudo pode ser proposto, sob forma de problema, ao computador eletrônico, pouco importa. O que ele fornece à meditação do cientista social, como dado quantitativo, é de inestimável relevância para a compreensão das tendências médias evolutivas da sociedade.

Na luta pelo desenvolvimento, nenhum país pode deixar-se ficar em atraso, com técnicas empíricas e limitadas, à mercê de simples estimativas ou de aproximações feitas a bico de pena. Só o instrumental eletrônico permitirá ver claro onde antes existia o caos e a confusão. É este caminho, é esta a via pela qual terá de penetrar o Brasil, dada a etapa a que atingiu em seu desenvolvimento. Sente-se, pois, feliz a Universidade do Brasil, através do seu Instituto de Ciências Sociais, de poder contribuir de alguma forma nestes primeiros passos, patrocinando, em convênio, um curso de analistas-programadores do primeiro computador eletrônico do serviço público federal.